

AS MONTANHAS DO *HINTERLAND* DE VIANA DO CASTELO

Por ALBERTO A. ABREU*

As nossa montanhas formaram-se durante o período da orogenia hercínica, no final da Era Paleozóica. Os antigos fundos marinhos foram enrugados, ficando sujeitos à erosão os níveis anteriores, como os pré-câmbricos, os silúricos, os ordovícicos. O resultado foi o desaparecimento dessas formações, ficando o granito à vista, com excepção de xistos mais resistentes, como os pré-câmbricos de Cardielos a S. Salvador da Torre. Foi na intercepção destes xistos com o granito que surgiram as minas de estanho e volfrâmio de S. Salvador da Torre, Nogueira, Lanheses, Amonde, Meixedo e S. Lourenço.

Amplamente ocupadas, exploradas para a extracção de minérios desde as *arrugiae*¹ romanas às pedreiras dos nossos dias, amplamente utilizadas para *habitat* humano, rejeitadas e temidas, as montanhas aqui estão como terra acrescentada, embelezadas com flores silvestres, adoçadas com o mel, santificadas por cruzeiros e ermidas, dotadas de hotéis e instalações desportivas à espera do nosso cansaço e do nosso *stress* para os minorarem.

A defesa nos montes

O homem é um ser frágil. Tão frágil como acossado. Por toda a parte tem inimigos: as intempéries, os animais carnívoros, até insectos (e sabemos, depois de Pasteur, que até seres microscópicos). Mas o maior inimigo do homem foi sempre o seu semelhante. Se o homem é um animal social (ζῷον πολιτικόν) também é certo que outro autor clássico o definiu, em termos que outro filósofo

* Coordenador dos *Cadernos vianenses*.

¹ Moreira 1981.

aproveitou, “*homo homini lupus*”: um homem, um grupo, uma sociedade só vicejam à custa do homem, do grupo, da sociedade mais próxima.

Racionalmente, a melhor alimentação humana deve ser o próprio protoplasma humano². Para a conseguirem, ainda no século XVI encontrámos os Índios brasileiros, canibais, conduzindo guerras entre si. Depois da descoberta da agricultura e da criação de gado, no Neolítico, as populações obtiveram meios para melhorar o seu nível alimentar; mas também passaram a ficar sujeitas à cobiça e pilhagem dos agricultores menos bem sucedidos, daqueles que, pura e simplesmente, não conseguiram realizar a sua própria revolução neolítica e dos pastores, que invejavam o pão dos camponeses. A história de Abel e Caim (filhos de Adão e Eva)³ bem ilustra os conflitos próprios desta fase da história da humanidade.

Por isso, desde o princípio da sedentarização os homens diligenciaram por construir as suas aldeias em sítios facilmente defensáveis como as palafitas nos pântanos, ou defendidas por fossos ou muros de terra⁴, os agricultores primeiro e todos os outros depois. E, depois disso, decidiram correr o risco da escassez de água e sujeitar-se a beber duma cisterna a que recolhiam da chuva para viverem em segurança no alto dos montes. Não conhecemos os vestígios dos estabelecimentos neolíticos na nossa região. Mas, da Idade do Bronze encontramos buracos de poste, indicadores de estabelecimentos humanos, nos castros do Castelo de Faria e de S. Julião, Vila Verde⁵, por exemplo.

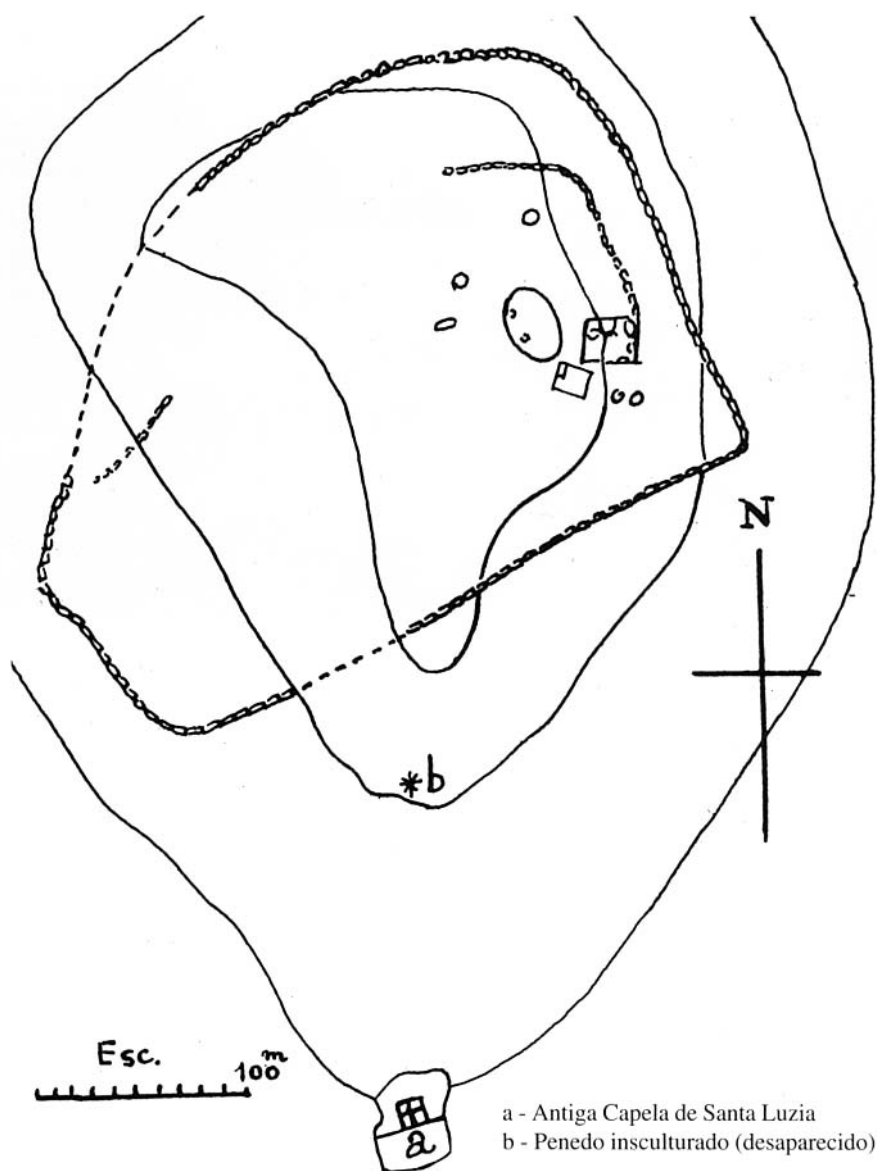
Na Idade do Ferro, habitualmente tida por mais belicosa, com as invasões celtas e depois a conquista romana, as populações do nosso território viviam no alto dos montes. Foi a cultura aqui denominada “dos castros”, do nome que os romanos deram a estas aldeias de montanha, por causa da vida guerreira dos seus habitantes. De facto, para os que viviam a *pax romana* como Estrabão, estes homens não passavam de bandidos e salteadores (mas também era assim

2 Titiev 1963: 198.

3 Gn 4, 1-8.

4 Piggot 1965: 69, 72, 73.

5 Martins 1984.



*Planta da citânia de Santa Luzia,
segundo Abel Viana e Manuel de Sousa de Oliveira*



Citânia de Santa Luzia em 1987 (foto Alberto A. Abreu)

que eles classificavam a actividade dos seus antepassados Rómulo e Remo antes da fundação da Cidade). De facto, com a magra agricultura que as encostas proporcionavam, só roubando aos ricos agricultores da planície se alcançava o necessário ao sustento da família. E o casamento de Viriato com o rico Astolpas⁶ teria sido uma tentativa para neutralizar o indómito salteador que nem os exércitos romanos temia.

A “guerra lusitana” foi depois seguida da “guerra calaica” iniciada por Décio Júnio Bruto que aproveitou inteligentemente o pânico das populações de Brácaros, Leuni e Seurbi ante as arremetidas dos Calaicos, em pleno processo de expansão à custa deles. Foi com os Romanos que a vida no alto dos montes começou a perder interesse. Mas este processo foi lento, e teve avanços e recuos. A época áurea dos castros foram os duzentos anos dos séculos I a.C. e I d.C.; mas estes estabelecimentos remontam até ao século V a.C. e nos mais

⁶ Apd Schulten 1927.

romanizados como Santa Luzia encontramos vestígios do século V d.C. (uma ocupação de 1 000 anos, portanto, com os referidos avanços e recuos, que passou, entre outras, pela experiência dos “castros agrícolas” do século I d.C.)⁷.

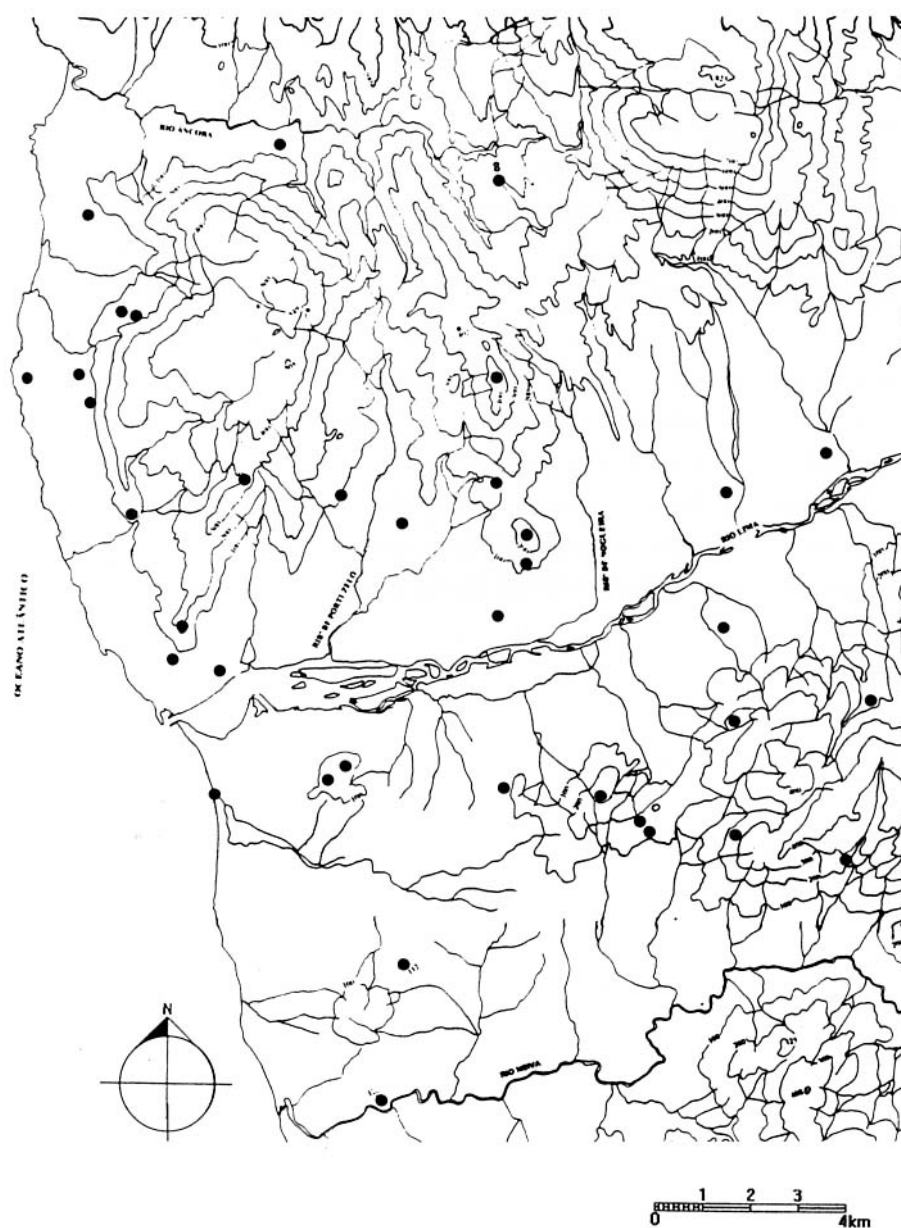
Nos castros sítos no alto dos montes, as populações viviam da guerra, duma magra agricultura, da pastorícia e da recollecção. Comiam pão de bolota e dela faziam também uma espécie de cerveja. Vestiam de lã. Habitavam casas de pedra cobertas de colmo agrupadas em conjuntos (que albergavam a sua família extensa) constituídos por casas de habitação com ou sem vestíbulo, celeiro, casa de convívio ou reuniões e eventualmente cortes. Estavam cercadas em geral por três ordens de muralhas e os “bairros” arruados segundo eixos longitudinais tanto quanto a topografia o permitia.

Em quase todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo há estações castrejas, a maior parte por explorar. Refiro, por isso, apenas as mais conhecidas: Santa Luzia (Santa Maria Maior), Santo António (Afife, estudado por Abel Viana), Montedor (Carreço, castro agrícola), Pego (Areosa, referido por José Leite de Vasconcelos), Calvário (Perre, estudado por Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado), Igreja (castro agrícola, Serreleis), S. Silvestre (Cardielos, onde houve uma campanha conduzida por A. da Cunha Leal), Cividade de Lanheses (castro agrícola, estudado por Carlos A. Brochado de Almeida), Monte Galeão (Darque), Moldes (Castelo de Neiva, estudado por Eduardo Jorge Lopes da Silva e José Augusto Maia Marques), Nossa Senhora do Crasto (S. Romão de Neiva), Sabariz (Vila Fria), Roques (Mujães, Vila Franca e Subportela, estudado por Leandro Quintas Neves), Peso (Santa Leocádia, estudado por Teresa Soeiro, Carlos A. Brochado de Almeida e Alberto A. Abreu), Nossa Senhora do Crasto (Deocriste)⁸.

Com a intensificação da romanização (com o seu cortejo de *pax romana*, isto é, proibição das lutas inter-castrejas e tribais, agricultura cerealífera, olivícola e vinhateira, e comércio) os montes foram progressivamente abandonados,

⁷ Cf Silva 1986.

⁸ Vid. Almeida, Carlos A. Brochado de 1996: ps.



*Castros do concelho de Viana do Castelo,
segundo Carlos A. Brochado de Almeida*

confrontados primeiro com o fenómeno dos castros agrícolas, depois com casas castrejas isoladas, depois com povoados alternativos⁹. Ao mesmo tempo, alastrava a mancha de azeite da cristianização. Os montes já não eram apenas os velhos povoados só apetecidos pelas gerações conservadoras: eram também os velhos lugares de culto, como um penedo insculturado em que se roçavam as moças à procura de namoro¹⁰. Por isso, os castros foram, nalguns casos como sucedeu com o de S. Romão de Neiva, qualificados de “maus” (“*mons castro malo*”), que era o nome que se lhe dava ainda em 1087¹¹. Mais do que abandonados, os castros eram, agora, mesmo rejeitados.

Com a invasão árabe, os montes devem ter voltado a ser o refúgio das populações, embora temporário, já que a continuidade toponímica nos impede de acreditar no ermamento (um pouco, decerto, como viria a acontecer onze séculos mais tarde, em que foram refúgio a quando da invasão de Soult). E, quando as armas cristãs passaram à ofensiva, os altos dos montes constituíram óptimos locais de vigia e de refúgio, indispensáveis aos senhores da guerra, sedes por isso dos castelos roqueiros. No concelho de Viana do Castelo, a documentação refere: Terruge (“*Mons Tarrugio*”) que hoje se supõe ter estado situado no Monte de Santa Luzia; e, na margem esquerda, Árcuo (latinizado “*Arculo*”) no Monte Galeão em Darque, S. Veríssimo que se identifica com o Monte de Roques, Castro Mau (“*Mons Castro Malo*”), e Carvoeiro decerto para defender o respectivo mosteiro¹².

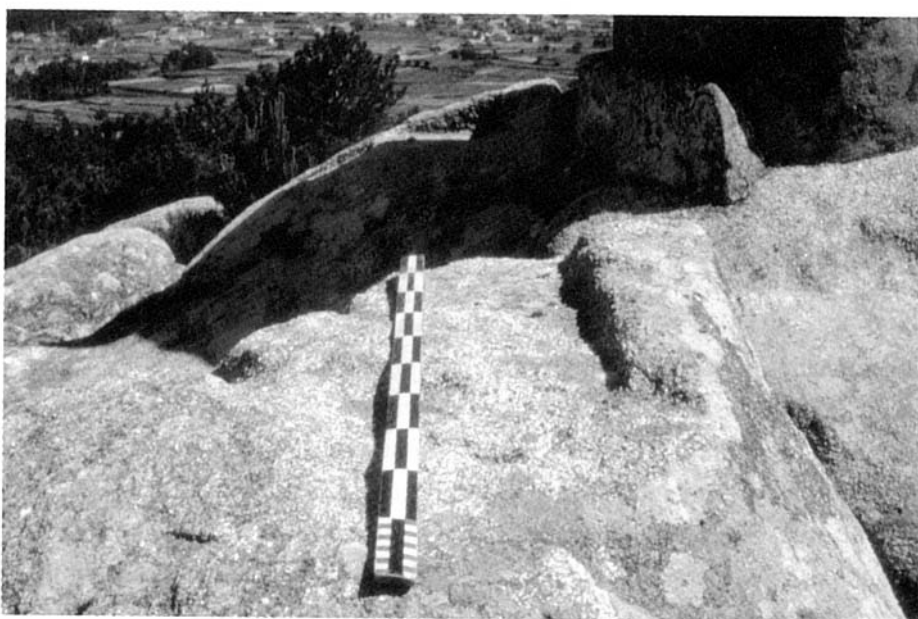
Mas todos estes castelos roqueiros devem ter sido bem frustes, pelo que, quando foi estruturada a administração senhorial segundo o sistema das “terras” (“*terrae*”), foram todos abandonados ou substituídos. Foi este último o caso de Castro Mau, substituído pelo vizinho Castelo de Neiva, cabeça da Terra de Neiva, e de Terruge, substituído pelo Monte de S. Martinho, sito entre Nogueira e Santa Marta para cabeça da Terra homónima.

9 Vid. Almeida, Carlos A. Brochado de 1996: ps.

10 Vasconcelos 1903.

11 *Portugaliae Monumenta Historica, Dipl. et Ch.*, 680.

12 Cf. Almeida, C.A. Ferreira de 1978b, embora não aceite todas as suas identificações.



*Vestígios do assentamento da torre do castelo no Monte de Moldes
em Castelo de Neiva (Foto Alberto A. Abreu)*

A partir do século XIII, os montes perderam as suas funções defensivas, que nem a Guerra da Restauração fez voltar: estava-se na época dos fortes situados em pontos estratégicos e só em eminências por razões de visibilidade, já que assentavam o seu sistema defensivo em armas de tiro curvo. E, quando a vila de Viana quis, em 1847, ameaçou o castelo da barra ocupado pelos cabralistas, a bateria com que o fez instalou-a no alto das Ursulinas.

Os montes no imaginário

Segundo a mitologia clássica, Zeus fixou a sua residência numa montanha, no Olimpo, “onde o governo está da humana gente”¹³, como disse Camões. Para o tentarem desalojar, os Gigantes ergueram monte sobre monte. Foram derrotados pelos olímpicos e foi sobre as montanhas que tinham erguido que

¹³ *Lus.*, 1, 20, 2.

foram sepultados. A montanha tinha, portanto, uma dupla valência: a das forças do bem e a das do mal. Também em Roma a rocha Tarpeia donde eram precipitados os culpados de crimes contra o Estado se situava ao lado do Capitólio, sede do templo de Júpiter onde se dirigiam os cortejos dos triunfadores. No imaginário cristão, uma montanha foi o lugar da tentação, uma outra o da transfiguração, e no Calvário, onde se localizava a sepultura de Adão, teve lugar a morte redentora de Jesus Cristo.

Os medos

Nesta finisterra da Europa, assistimos ao abandono e mesmo à rejeição dos montes por razões religiosas. Por isso, em breve eles se tornaram em sede de tudo aquilo de que se tem medo. Nos montes, fugidos dos homens, se acoitavam os lobos, esses rivais da expansão do povoamento humano como reconheceu Fernand Braudel¹⁴. Foi atravessando o monte que Capuchinho Vermelho encontrou o Lobo Mau.

Fugidos dos homens se acoitavam nos montes também tantos outros animais que atacavam os homens, como as cobras. E o medo que delas tinham particularmente as mulheres aliava-se ao que também tinham dos lagartos, que eram, como os ofídios, símbolos e representantes duma religiosidade pré-olímpica. O Ocidente peninsular era, nos tempos pré-romanos denominado de Ofiússa e parte dos seus habitantes Sefes, o que tem sido relacionado com uma ofioloatria pré-romana¹⁵. Era numa gruta que se escondia o dragão Tarasca que Santa Marta venceu com uma aspersão de água benta. E numa gruta vivia o Dragão que S. Jorge venceu. E uma lapa situada no cimo do monte de Roques denomina-se “Boca da Serpe”, como uma outra da colina da Cividade em Lanheses.

Nos montes também se refugiavam os omiziados, ladrões e salteadores. Atravessar o monte, particularmente de noite era correr risco de vida e morrer sem sacramentos. A “má morte”, particularmente temida pela religiosidade popular, fez inçar de cruzeiros os lugares de montanha onde ela aconteceu, com a

¹⁴ Braudel 1967: 51.

finalidade de esconjurar o mal, acção de Satanás, único a quem interessava a morte súbita, sem sacramentos, com o inferno certo.

Antro de demónios e de todas as “coisas ruins”, aí todos os acidentes podiam ocorrer sem possibilidade de socorro. Por isso, por rejeição, para o monte se lançavam os despachos dos defumadouros e para lá também, para o monte desumanizado, desabitado, se esconjuravam os maus espíritos encostados: “para o monte maninho, onde não haja pão nem vinho nem bafinho de menino pequeninho”.

A santificação

Mas, como se disse, a montanha, como entidade sagrada, é ambivalente: é também lugar de ascese, que se sobe à imitação de Cristo. E os “calvários” foram-se multiplicando por todo o Minho adoptando a prática dos “*sacri monti*” e a edificação de Jerusaléns, como a que foi construída nos jardins do Convento do Pópulo em Braga e que foi modelo do Bom Jesus do Monte e de todos os escadórios e santuários de montanha que se lhe seguiram¹⁶. Calvários há-os por toda a parte, e na Meadela inscreveu-se mesmo na toponímia. Inicialmente eram de sete cruzes, como o que ainda se conserva em Nogueira. De sete cruzes (estações) era o que os franciscanos instalaram em Viana, que vinha de Santo António pela Rua da Amargura até ao monte da força que santificou com a edificação da capela do Calvário e a do Santo Sepulcro, que está na origem da capela de Nossa Senhora da Agonia.

Mas a santificação dos montes, se bem que seja na maior parte dos casos um fenómeno moderno, parece ter origem mesmo antes da “*deuotio moderna*” de fins do século XIV. A maior parte das “santificações” procedeu por instalação duma ermida mariana. Assim aconteceu no Castro Mau (hoje Nossa Senhora do Crasto em S. Romão), em Deocriste com o mesmo culto, ou com Nossa Senhora da Cabeça em Freixieiro de Soutelo, em monte que não tinha tido culto anterior, mas tinha sido local milagroso, e hierofânico portanto.

¹⁵ Cuevillas e Bouza-Brey 1929.

¹⁶ Almeida, C.A. Ferreira de 1991.

Mas anterior ao culto mariano com a invocação “Nossa Senhora”, que é moderna, temos a denominação de “Santinho” ao Monte de Roques, sendo o culto referido a S. Silvestre, segundo fui informado em visita que lá fiz em 1965, se não for S. Veríssimo, mártir olisiponense que deu o nome medieval ao monte¹⁷. A S. Silvestre (mártir bracarense e não o papa¹⁸) foi dedicada a capela do monte do mesmo nome em Cardielos. Ao mártir oriental S. Mamede foi dedicada uma ermida no monte da Areosa. E à mártir siracusana Santa Luzia o monte sobranceiro à cidade de Viana do Castelo, diz-se que em substituição do culto à mártir – ocidental também – Santa Águeda. Ao gosto da religiosidade barroca, estas ermidas continham, já não uma relíquia, mas uma imagem milagrosa a venerar a qual o povo acorria em romaria, com os gados nos casos de S. Silvestre e S. Mamede.



Capela do Calvário (hoje de Nossa Senhora da Conceição da Rocha) junto a Nossa Senhora da Agonia (foto. Alberto A. Abreu)

17 Fernandes (1980): 7, 213.

18 Fernandes (1980): 7, 211.

Recursos económicos dos montes

Mas os montes eram parte integrante e indispensável da economia medieval, que C.A. Ferreira de Almeida definiu como “agro-silvo sistema”¹⁹. Entre o monte e a veiga situava-se o souto, povoado de carvalhos e castanheiros, onde se pastoreavam porcos e se instalaram as casas, as cortes dos animais domésticos



*Serra da Peneda, 1993: branda abandonada da freguesia de Cabreiro
(foto: Alberto Abreu)*

e as hortas de *infield*. Acima ficava o monte despovoado e hostil. O monte era a terra rejeitada das “cidades velhas” como a de Santa Luzia e outras “Paredes”. Quando um local perdia o interesse era abandonado e tornava-se “monte”. O lugar do Porqueiro, no monte da Areosa onde ainda se podem ver campos fósseis, denuncia um antigo souto de pastoreio de suínos.

Mas o monte era indispensável à economia medieval. Todos os coutos e honras, como todos os casais, englobavam uma área de monte, contígua ou não. Do monte se colhia o suplemento alimentar de carne na caça que aí abundava e que permitia poupar ao abate os animais domésticos fornecedores de leite e lã.

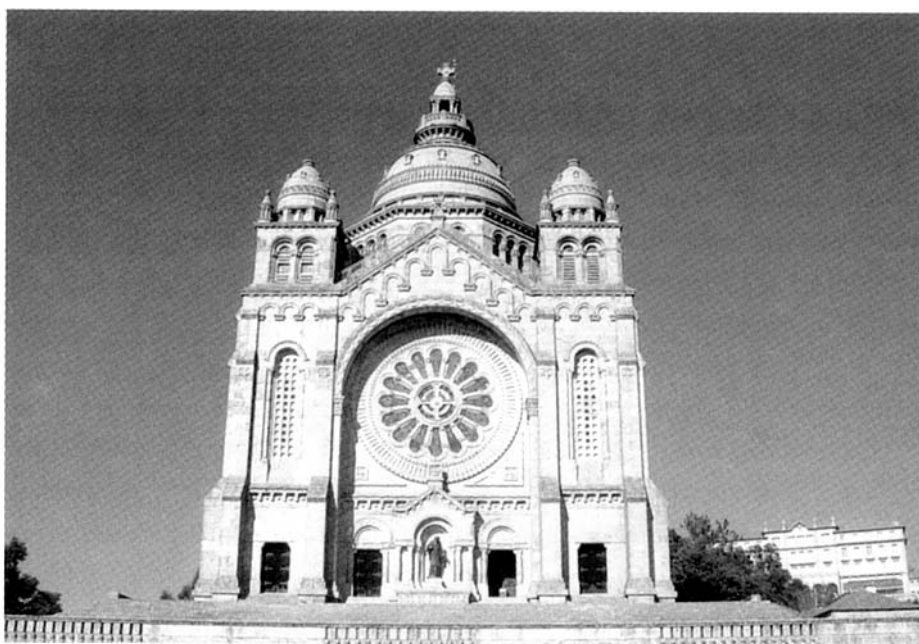
¹⁹ Almeida, C.A. Ferreira de 1978a: 1, 26.

No monte pastavam os gados: bovinos como ainda hoje no Soajo, ovelhas e cabras que forneciam leite (para consumo e fabrico caseiro de manteiga e queijo) e fibra têxtil. Do monte vinha a lenha para aquecer as casas, nomeadamente a giesta, cujo fumo curtia os enchidos e de cujos troncos se fazia carvão. No monte se instalavam as colmeias das abelhas que aproveitavam as flores silvestres da urze, da giesta e do rosmaninho. Um lugar do monte ainda hoje se denomina Abelheira e a festa de S. Mamede na Areosa era conhecida como a festa do mel.

Mas a mais importante colheita do monte era o mato, com que se juncavam as cortes do gado, que sobre ele defecava, produzindo um estrume útil, porque é lenhoso e por isso facilita o arejamento da terra, porque é azotado e porque a fermentação dos dejectos fornece o calor necessário à germinação das plantas. Roçar mato foi uma actividade importantíssima até há bem pouco. Tarefa custosa, reunia grupos de pessoas (que ao monte não convém ir só), fomentando o folclore com as canções que animavam a lide, dando origem a um traje peculiar – o traje “de ir ao monte” – e fomentando as relações exogâmicas: muitos casamentos entre jovens de Outeiro ou Perre com jovens de Carreço ou da Areosa resultaram de namoros encetados no roço do mato no monte comum que divide (melhor, unia) as freguesias da costa e as do alvéolo do ribeiro de Portuzelo.

O turismo

Hoje a montanha possui outros atractivos. Os medos passaram. As distâncias e o declive foram vencidos pelo asfalto e o automóvel. A vida nas grandes cidades, apertados entre muros de tijolo e betão criou em nós a nostalgia dos amplos horizontes, que se podem desfrutar duma subida a Santa Luzia, a S. Silvestre ou ao Monte do Crasto. As doenças do século XIX chamaram a atenção para os ares puros da montanha. Ganhou-se o gosto pelo hábito inglês da refeição ao ar livre, passaram a fazer-se excursões à montanha (desde meados do século XIX a Santa Luzia) e lá se foram instalando cómodos para cozinha nos antigos quartéis de romeiros, e na mata se fizeram bancos e mesas de pedra para as refeições.



*Santuário do Sagrado Coração de Jesus e hotel,
no Monte de Santa Luzia (foto: Vitor Roriz)*

Viana do Castelo, que sempre quis ombrear com Braga, edificou no seu monte um santuário de aparato e dedicado a uma invocação moderna – o Sagrado Coração de Jesus em substituição da velhinha Santa Luzia – construiu-lhe um escadório (custeado por Domingos José de Moraes), ajardinou as imediações do santuário (graças à bolsa generosa de Domingos José de Moraes) e dotou-o dum hotel (construído também por Domingos José de Moraes). O modelo era o do Bom Jesus. Mas o escadório era fruste, não obstante as rectificações e, em vez de capelas, apenas 14 cruzeiros para uma via sacra, instalada em 1934. Mas, graças a outro benemérito, Bernardo Abrunhosa, Santa Luzia foi dotada dum funicular eléctrico, bem mais moderno que o hidráulico do Bom Jesus de Braga.

Local aprazível, vistas magníficas, exercícios de piedade e devoções, boas instalações, restaurantes e espaços para piquenique é tudo o que a montanha nos oferece. Melhor, a parte humanizada da montanha.

OBRAS CITADAS:

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de

1996, *Inventário arqueológico do concelho de Viana do Castelo*, “Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho” vol. 2, dissertação de doutoramento, Porto, F.L.U.P., polic.;

ALMEIDA, C.A. Ferreira de

1978a, *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*, dissertação de doutoramento, 2 vol., Porto, F.L.U.P., polic.;

1978b, *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho: das origens a 1220*, dissertação complementar de doutoramento, Porto, F.L.U.P., polic.;

1991, *Em torno do Bom Jesus de Braga*, in “Estudos de História Contemporânea: homenagem ao Professor Victor de Sá”, Lisboa, Horizonte;

BRAUDEL, Fernand

1967, *Civilização material e capitalismo: séculos XV-XVIII*, trad. Maria Antonieta magalhães Godinho, col. “Rumos do mundo” dir. Lucien Febvre+ e Fernand Braudel nº 10, Lisboa, Cosmos, 1970:

CUEVILLAS, Florentino L.; BOUZA-BREY, Fermín

1929, *Os Oestrimnios, os Saefes e a ofioloatría en Galiza*, ed. fac-simil. da 1ª ed., Santiago, Universidade de Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego e Instituto de Estudos Galegos “Padre Sarmiento”, 1992:

FERNANDES, A. de Almeida

(1980), *Toponímia vianense*. “Cadernos vianenses”, Viana do Castelo, 4, 1980, p. 256-313; 5, 1981, p. 139-206; 6, 1982, p. 277-347; 7, 1983, p. 184-233;

MARTINS, Manuela

1984, *A citânia de S. Julião, Vila Verde: primeiras sondagens*.
“Cadernos de Arqueologia”, Braga, 2ª sér., 1, p. 11-27;

MOREIRA, Manuel António Fernandes

1981, *As “arrugiaie” da época romana no vale do Rio Tinto do concelho de Viana do Castelo*, in “Primeiro Colóquio Galaico-Minhoto”,
Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 2, p. 395-423;

PIGGOT, Stuart

1965, *A Europa antiga: do início da agricultura à Antiguidade Clássica*, trad., Maria Reveriana Mantas, pref. Jorge de Alarcão, col.
“Manuais universitários”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981;

SCHULTEN, Adolf

1927, *Viriato*, trad. Alfredo Ataíde, pref. Mendes Correia, 2ª ed., Porto,
Civilização, 1940;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da

1986, *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, dissertação de
doutoramento, Paços de Ferreira, Câmara Municipal e Museu
Arqueológico da Citânia de Sanfins;

TITIEV, Mischa

1963, *Introdução à Antropologia Cultural*, trad. João Pereira Neto,
pref. Jorge Dias, col. “Manuais universitários”, 3ª ed., Lisboa, Fundação
Calouste Gulbenkian, 1979;

VASCONCELOS, José Leite de

1903, *Cidade Velha de Santa Luzia*. “O archeologo português”, Lisboa,
8, p. 15-23;

VIANA, Abel; OLIVEIRA, Manuel de Sousa

1954, “*Cidade Velha*” de Santa Luzia (Viana do Castelo), separata
da “Revista de Guimarães” nº 64, Guimarães, s.n..